

I lectual, secura interior, desolação, apatia — um estado de aridez.<sup>102</sup> Instala-se esse estado como reação, às vezes normal, na personalidade humana (*aridez fisiológica*<sup>102</sup>), nos indivíduos predispostos à depressão (*aridez constitucional*<sup>102</sup>), submetidos a prolongado isolamento (acédia ou mal dos solitários,<sup>102</sup>) ou no curso do trabalho intelectual de síntese e criação, intenso e exaustivo (*aridez de inspiração*<sup>102</sup>). Ocorre também nos estados depressivos neuróticos e psicóticos (*aridez mórbida*<sup>102</sup>). No entanto, em concomitância com essas manifestações depressivas naturais, o estado de aridez, no plano sobrenatural, de acôrdo com o critério teológico, também existe em conexão com a luta do homem entre Deus e o Diabo (*aridez mística*<sup>102</sup>).

O místico, em estado psíquico obscuro, caótico e indefinido, ao sabor da emotividade, do inconsciente, da intuição e do automatismo, entrega-se à *oração mística* ou *contemplação*.<sup>19</sup> No primeiro grau da *oração mística*, na *oração de recolhimento* ou *de quietude*,<sup>203</sup> sente-se prestes a adormecer, quando, com surpresa se reconhece assaltado por súbita iluminação da inteligência, acrescida de um estado de alegria e tranqüilidade. O episódio, com a duração, no máximo, de meia hora, suscita dúvidas.<sup>19</sup> Será apenas produto da imaginação? Haverá intervenção do sobrenatural? De Deus ou do Diabo? No segundo grau da *oração mística*, na *oração da união*,<sup>203</sup> o indivíduo, sonolento, com prazer intenso e inefável, já acredita tratar-se da intervenção do sobrenatural, com maior probabilidade do sobrenatural divino e não diabólico.<sup>203</sup> Mas o místico experimenta a *oração de união* de modo descontínuo, pois a todo momento é impellido a despertar e a restabelecer o contato com o mundo exterior. No *arroubamento*,<sup>203</sup> mergulha em estado análogo, também súbito e efêmero, mas acrescido de efeitos mais intensos e duradouros: depois de dissipado, o indivíduo, pelo espaço de alguns dias, continua indiferente ao mundo exterior. No *rapto do espírito*,<sup>203</sup> experimenta um estado análogo, mas em proporções mais violentas: afigura-se que Deus se apodera da sua pessoa como um abutre a lançar-se sobre a presa, com brutalidade e rapidez, suscitando esse amplexo fulminante um estado de terror.

No *êxtase*, *oração mística* mais avançada, o indivíduo, sempre empenhado em contemplar cenas religiosas dentro de si mesmo,<sup>191</sup> súbitamente as percebe como se fôssem espetáculos localizados no mundo exterior, em contornos mal determinados e depois em imagens precisas, às vezes luminosas. O indivíduo emite suspiros, dirige os olhos para o céu, realiza movimentos de balanço com a cabeça, assume atitudes corporais estranhas, realiza movimentos desordenados, acusa crises convulsivas.<sup>2</sup> Santa Gertrudes, colhida pelo *êxtase*, rolou ao solo, em

plena igreja. Outras vezes, o místico se mantém imobilizado na posição em que o *êxtase* o surpreendeu,<sup>226</sup> como se estivesse prestes a morrer: apresenta a respiração vagarosa e imperceptível, a circulação e demais funções orgânicas relaxadas, a abolição da consciência, a anestesia nas diversas modalidades, a baixa da temperatura, a catalepsia, a letargia.<sup>226</sup> O P. Ambrósio de Jesus, empolgado pelo *êxtase*, morreu no púlpito.<sup>2</sup>

No *êxtase*, o místico às vezes expande intensa emoção amorosa.<sup>19</sup> Santa Teresa, no episódio da Transverberação, avistou um anjo que, com um dardo de ouro, provido de uma chama na ponta, lhe traspassava, a todo momento, o coração. A penetração lenta e periódica da arma ponteaguda lhe suscitava emoção erótica, unida à beatitude mística, arrancando-lhe suspiros de dor e de volúpia.<sup>113</sup> No *êxtase*, Santa Gertrudes experimentou a sensação de uma flecha de ouro a atravessar-lhe a alma.<sup>19</sup> Com enternecimento, Santa Teresa descreveu os ardores amorosos das espôsas espirituais de Jesus, “suspensas ao seus divinos braços, coladas ao seu divino flanco, agarradas ao seu divino peito”<sup>19</sup> Ângela de Foligno, na união com Deus, assim a descreveu: “Eu vi o amor que vinha a mim... Ele se apoderou de mim, tocando-me como se fôsse um fauno. Não acreditem, suplico, que se tratasse de semelhança suscetível de medida. Mas me pareceu que um instrumento cortante me tocava e depois se retirava, não penetrando tanto a ponto de não se deixar entrever”.<sup>19</sup>

A mística, em relação a Cristo, às vezes manifesta amor maternal: Santa Rosa de Lima enternecia-se na contemplação de Jesus Menino; Ângela de Foligno referiu que tivera nos braços o pequeno Jesus, entregue pela Virgem; Mme. Guyon se sentiu grávida e, em meio de convulsões, experimentou a sensação do parto; Mme. Bruyère, abadessa de Solesme, se considerou grávida em virtude das relações com o Espôso e, na noite de Natal, referiu haver dado à luz uma criança que ela amamentou, sem haver deixado de ser virgem.<sup>19</sup> O místico, com a mente concentrada sobre as cenas da Paixão, às vezes se entrega às efusões de angústia, de piedade e de gratidão por tudo quanto Cristo sofreu em benefício da humanidade.<sup>19</sup> Em vista do Reino dos Céus melhor pertencer às crianças, na lição de Jesus, o místico também se comporta como menino.<sup>19</sup> São Francisco de Sales dirigia-se a Deus com expressões afetuosas próprias da criança no convívio com os pais.<sup>19</sup> M. Olier agradeceu ao Senhor pelo fato de lhe haver restituído o estado de infância no curso de certa doença.<sup>19</sup> No conselho de Mme. Guyon, a alma devia abandonar-se a Deus como uma criança nos braços da ama.<sup>19</sup>